

Invasão sem comércio

Kariná Falcone
Especial para o Correio

Ainda não é uma determinação oficial, mas as ameaças do governador Cristovam Buarque de fechar o comércio na invasão da Estrutural já fazem soprar um vento de angústia entre os moradores. O fechamento de duas madeiras, só neste mês, é apontada pelos comerciantes como o início da crise. O clima de incerteza e violência que tem rondado a invasão está afastando as empresas de abastecimento de alimentos e bebidas, anunciando um possível sucesso dos planos do governador.

Mostrando poder de organização, os moradores da Estrutural já contam com uma Associação Comercial. O presidente da entidade, Jaconias Carvalho, garante que a Associação tem interesse e disposição para negociar com Cristovam, mas acusa o governo de não se mostrar acessível para isto. Mas não é só com o governador que a entidade está tendo problemas. A maioria dos associados é oposição à líder do local, Marlene Mendes, por não concordarem com a onda de "badernas" que ela vem provocando. Sem governo e sem representatividade forte, os comerciantes se dizem "numa encruzilhada".

Segundo o presidente da Associação Comercial, a invasão tem em média 180 pontos comerciais. Neste número é possível

citar mercados, bares, padarias, cabeleireiros, loja para organizar festa de aniversário, borracharias e madeiras. Isto tudo visto numa caminhada rápida pelo local. Os oito mercados da Estrutural oferecem aos seus clientes desde pão e leite a louças de vidro, e as compras podem ser feitas com cheque pré-datado para 30 e até 60 dias.

"Nós podemos oferecer preços mais baixos e mais facilidades de pagamentos

porque não pagamos aluguel e impostos e isto barateia os nossos produtos. Mas se o governador quiser estamos dispostos a negociar e pagar alguma taxa para ele", explica o proprietário do Mercadinho Ceará, Moacir Batista. Além de esta-

"TODO MUNDO COMPRA NOS NOSSOS MERCADINHOS. SE O COMÉRCIO DAQUI FECHAR, AS PESSOAS VÃO SOFRER PORQUE TERÃO QUE IR MUITO LONGE PARA CONSEGUIR ALIMENTOS",

Moacir Batista,
comerciante

rem preocupados com o próprio sustento, os comerciantes também argumentam pela comunidade. "Todo mundo compra nos nossos mercadinhos. Se o comércio daqui fechar, as pessoas vão sofrer porque terão que ir muito longe para conseguir alimentos", explica Batista.

José Maria colocou seu nome e todo o dinheiro do seguro desemprego num ponto comercial. Vendendo biscoitos, bombons, pão, refrigerantes e miudezas ele sustenta a mulher e os três filhos. Nos últimos dias, as vendas estão caindo e assustando José Maria. "Este é o meu emprego. Se fecharem o comércio daqui não sei o que será de mim e da minha família. Não sei como vamos sobreviver", reclama.